

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 by David Brooks

Publicado por acordo com Random House, uma chancela de Penguin Random House LLC,
Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal.

Excerto de Halakhic Man de Joseph B. Soloveitchik (Lincoln, NE: University of Nebraska
Press, 1983), direitos de autor © 1983 pela Jewish Publication Society.

Excerto de George C. Marshall: Education of a General, 1880-1939 de Forrest C. Pogue
(Nova Iorque: Viking Books, 1963), direitos de autor © 1963 e direitos de autor renovados
em 1991 pela George C. Marshall Research Foundation. Restantes créditos podem ser
consultados nas páginas 279 e 280.

Título original: *The Road to Character*

Título: *O Caminho para o Caráter*

Autor: David Brooks

Tradução: Paulo Mendes

Revisão: Isabel Garcia

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Ideias com Peso/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-257-2

Depósito legal:

1.ª edição: setembro de 2016

Para os meus pais,
Lois e Michael Brooks

ÍNDICE

Introdução:	ADÃO II	9
Capítulo 1:	A MUDANÇA	17
Capítulo 2:	O EU CONVOCADO	29
Capítulo 3:	AUTOCONQUISTA	58
Capítulo 4:	CONFLITO	82
Capítulo 5:	AUTODOMÍNIO	110
Capítulo 6:	DIGNIDADE	133
Capítulo 7:	AMOR	154
Capítulo 8:	AMOR ORDENADO	184
Capítulo 9:	AUTOEXAME	209
Capítulo 10:	O GRANDE EU	233
Agradecimentos		261
Notas		263

Introdução

ADÃO II

Ultimamente tenho andado a pensar na diferença entre as virtudes de currículo e as virtudes de elogio fúnebre. As virtudes de currículo são as que enumera no seu currículo, as competências que traz para o mercado de trabalho e que contribuem para o sucesso externo. As virtudes de elogio fúnebre são mais profundas. São as virtudes mencionadas no seu funeral, aquelas que existem no âmago do seu ser — se foi bondoso, corajoso, honesto ou fiel, o tipo de relações que criou.

A maioria das pessoas considera que as virtudes de elogio fúnebre são mais importantes do que as de currículo, mas confesso que durante grande parte da minha vida passei mais tempo a pensar nas segundas virtudes do que nas primeiras. O nosso sistema de ensino centra-se claramente mais nas virtudes de currículo do que nas de elogio fúnebre. O mesmo se passa com o discurso público — as dicas de autoajuda nas revistas, os livros de não-ficção mais vendidos. A maioria das pessoas tem estratégias mais definidas para alcançar o sucesso profissional do que para desenvolver um caráter profundo.

Um livro que me ajudou a pensar nestes dois tipos de virtudes foi *Lonely Man of Faith*, escrito pelo rabino Joseph Soloveitchik em 1965. Soloveitchik referiu que existem dois relatos da criação no Génesis e defendeu que representam os dois lados opostos da nossa natureza, a que chamou Adão I e Adão II.

Se modernizarmos um pouco as categorias de Soloveitchik, podemos considerar que Adão I representa a faceta carreirista, ambiciosa da nossa natureza. Adão I é o Adão externo, o do currículo. Adão I quer construir, criar, produzir e descobrir coisas. Quer alcançar um estatuto elevado e conquistar vitórias.

Adão II é o Adão interno, pretende representar determinadas qualidades morais. Deseja manter um caráter interior sereno, um sentido discreto

mas sólido do bem e do mal — não aspira apenas a praticar o bem, quer ser bom. Adão II quer amar profundamente, sacrificar-se em prol dos outros, viver em obediência a uma verdade transcendente, possuir uma alma interior coerente que honre a criação e as possibilidades de cada um.

Enquanto Adão I ambiciona conquistar o mundo, Adão II deseja aceitar a missão de servir o mundo. Enquanto Adão I é criativo e se congratula com os próprios sucessos, Adão II renuncia, por vezes, ao sucesso e ao estatuto mundanos em favor de um objetivo sagrado. Enquanto Adão I quer saber como funcionam as coisas, Adão II quer conhecer o motivo da existência dessas coisas e o nosso propósito final. Enquanto Adão I quer seguir em frente, Adão II aspira regressar às suas origens e saborear o calor de uma refeição em família. Enquanto o lema de Adão I é «sucesso», Adão II encara a vida como um drama moral. O seu lema é «caridade, amor e redenção».

Soloveitchik argumentou que vivemos na contradição entre estes dois Adões. O Adão exterior, pomposo, e o Adão interior, humilde, não são conciliáveis. Vivemos em permanência com este conflito interior. Somos chamados a desempenhar ambos os papéis e temos de dominar a arte de viver constantemente na tensão entre estas duas naturezas.

A parte mais difícil deste conflito, acrescentaria eu, é que os Adões I e II vivem segundo lógicas diferentes. Adão I (o criativo, construtor e descobridor) vive de acordo com uma lógica utilitária simplista. É a lógica da economia. Os estímulos obtêm um resultado. Os esforços conduzem a uma recompensa. A prática leva à perfeição. Persigam os vossos interesses pessoais. Maximizem a vossa utilidade. Impressionem o mundo.

Adão II vive segundo uma lógica inversa. É uma lógica moral, e não económica. É preciso dar para receber. É necessário submeter-nos a algo que nos transcende para ganharmos força interior. Temos de controlar o nosso desejo para termos o que almejamos. O sucesso conduz ao maior fracasso, que é o orgulho. O fracasso leva ao maior dos sucessos, que é a humildade e a aprendizagem. Para nos realizarmos, teremos de esquecer o ego. Para nos encontrarmos, teremos de nos perder.

Se queremos promover a nossa carreira de Adão I, faz sentido cultivarmos os nossos pontos fortes. Se queremos fomentar o nosso núcleo moral de Adão II, é necessário enfrentarmos as nossas fraquezas.

O Animal Astuto



Vivemos numa cultura que fomenta o Adão I, o Adão exterior, e negligencia o Adão II. Vivemos numa sociedade que nos encoraja a pensar nas

formas de obter uma carreira profissional gloriosa, mas que deixa muitas pessoas sem saberem como cultivar a sua vida interior. A concorrência pelo sucesso e para conquistar a admiração alheia é tão acirrada que consome todas as nossas energias. O mercado de consumo encoraja-nos a viver segundo uma lógica utilitária, a satisfazer os nossos desejos e a perder de vista as implicações morais subjacentes às decisões quotidianas. O ruído das comunicações rápidas e superficiais dificulta a audição dos sons mais suaves que emanam das profundezas. Vivemos numa cultura que nos ensina a promover e a publicitar as nossas qualidades, bem como a dominar as competências indispensáveis ao sucesso, mas que pouco nos encoraja a praticar a humildade, a compaixão e um exame interno sincero, necessários à construção de carácter.

Se é apenas como o Adão I, é um animal astuto, um ser engenhoso preocupado com a sua própria continuidade, exímio neste jogo, e que vê tudo como um jogo. Se tem apenas isso, passa muito tempo a aperfeiçoar as competências profissionais, mas não possui uma ideia clara das fontes da vida interior, pelo que não saberá onde deve aplicar as suas competências, que percurso profissional será o mais elevado e melhor. Passam-se anos e as partes mais íntimas do seu ser mantêm-se inexploradas e desestruturadas. Mantém-se ocupado, mas sente uma vaga ansiedade por a sua vida não ter atingido o significado e relevância primordiais. Vive num tédio inconsciente, sem amar verdadeiramente, sem se comprometer verdadeiramente com os objetivos morais que dão valor à vida. Não tem critérios internos para fazer compromissos inabaláveis. Nunca desenvolve uma constância interior, aquela integridade que resiste às críticas generalizadas ou a um golpe doloroso. Dá por si a fazer coisas que as outras pessoas aprovam, independentemente de serem certas ou não para si. Tem a insensatez de julgar os outros pelas suas capacidades, não pelo seu valor. Não possui uma estratégia para edificar o carácter e, sem isso, tanto a sua vida interior como a exterior acabarão por ruir.

Este livro é sobre o Adão II. É sobre como algumas pessoas cultivaram um carácter forte. É sobre uma mentalidade que certos indivíduos adotaram ao longo dos séculos para conceder uma dureza férrea ao seu interior e para cultivar um coração sábio. Para ser sincero, escrevi-o para salvar a minha alma.

Nasci com uma predisposição natural para a futilidade. Atualmente trabalho como analista e colunista. Sou pago para ser um fala-barato narcisista, para ventilar as minhas opiniões, para falar delas com uma confiança que não tenho, para parecer mais esperto do que sou realmente, para dar ares de que sou melhor e mais assertivo do que sou na verdade. Tenho de me esforçar mais do que a maioria das pessoas para evitar uma vida de superficialidade arrogante. Também me tornei mais ciente de que, como muita gente hoje em dia, tenho levado uma vida de aspirações morais vagas — quero vagamente

ser bom, servir um propósito superior, apesar de não possuir um vocabulário moral concreto, nem um entendimento claro de como manter uma vida interior rica, sem sequer ter um conhecimento de como se desenvolve o caráter e se atinge a profundidade.

Descobri que, sem uma concentração rigorosa no lado Adão II da nossa natureza, é fácil cairmos numa mediocridade moral altiva. Colocamo-nos numa curva perdulária. Seguimos os nossos desejos onde eles nos levarem, e aprovamos o nosso comportamento, desde que não estejamos claramente a prejudicar terceiros. Consideramos que se as pessoas ao nosso redor são parecidas connosco, então devemos ser suficientemente bons. Entretanto, acabamos por nos transformar aos poucos em algo um pouco menos impressionante do que esperávamos originalmente. Abre-se um fosso humilhante entre o nosso eu efetivo e o nosso eu desejado. Apercebemo-nos de que a voz do nosso Adão I é sonora, mas que a voz do nosso Adão II é abafada; o projeto de vida do Adão I é claro, mas o projeto de vida do Adão II é vago; Adão I está alerta, Adão II está a dormir em pé.

Escrevi esta obra sem ter a certeza de que conseguiria seguir o caminho para o caráter, mas queria pelo menos saber como é esse caminho e de que modo outras pessoas o percorreram.

O Plano



O plano deste livro é simples. No capítulo seguinte, vou descrever uma ecologia moral mais antiga. Era uma tradição cultural e intelectual, a tradição da «madeira retorcida», que enfatizava a nossa própria fraqueza. Era uma tradição que exigia a humildade perante as nossas limitações. No entanto, essa tradição defendia igualmente que cada um de nós tem o poder de enfrentar a sua própria fraqueza, controlar os seus pecados, e que nesse conflito interior edificamos o caráter. Ao enfrentar com sucesso o pecado e a fragilidade, temos uma oportunidade de desempenhar o nosso papel num drama moral grandioso. Podemos almejar algo mais elevado do que a felicidade. Temos a oportunidade de tirar partido de ocasiões quotidianas para criarmos virtude em nós mesmos e para servirmos o mundo.

Depois descreverei como é esse método de edificação de caráter na vida real. Vou fazê-lo através de ensaios biográficos, que são igualmente ensaios morais. Desde Plutarco que os moralistas tentam transmitir determinados padrões através da apresentação de exemplos. Não podemos criar vidas ricas de Adão II apenas através da leitura de sermões ou seguindo regras abstratas. O exemplo é o melhor professor. O aperfeiçoamento moral ocorre com mais

frequência quando nos tocam o coração, quando contactamos com pessoas que admiramos e estimamos, e alteramos as nossas vidas consciente e inconscientemente para as imitar.

Apercebi-me desta verdade depois de ter escrito um artigo em que manifestava a minha frustração por ser tão difícil utilizar a experiência das salas de aula para se aprender a ser bom. Um veterinário chamado Dave Jolly enviou-me uma mensagem de correio eletrónico que ia diretamente ao assunto:

«O coração não pode ser ensinado numa sala de aula, intelectualmente, a alunos que tomam notas de forma mecânica. (...) Os corações bons, sensatos, obtêm-se através de vidas inteiras de esforço diligente para ir bem fundo no nosso interior e sarar cicatrizes de uma vida. (...) Não se podem ensinar, enviar por correio eletrónico, ou através de um *tweet*. É algo que tem de ser descoberto nas profundezas do nosso coração, quando estamos finalmente prontos para o procurar, e nunca antes.

O trabalho de uma pessoa sábia é engolir a frustração e continuar a estabelecer um exemplo de carinho, profundidade e diligência na sua própria vida. O que uma pessoa sábia ensina é apenas uma fração daquilo que dá. A totalidade da sua vida, da forma como se aplica aos pormenores mais ínfimos, é o que acaba por ser transmitido.

Nunca esqueça isso. A mensagem é a pessoa, aperfeiçoada ao longo de vidas inteiras de um esforço iniciado por outra pessoa sábia que está agora escondida do destinatário pela bruma cerrada do tempo. A vida é muito maior do que pensamos. A causa e o efeito estão interligados numa estrutura moral vasta que nos impele continuamente a fazermos melhor, a nos tornarmos melhores, mesmo quando habitamos na escuridão mais dolorosa e confusa.»

As palavras acima explicam a metodologia deste livro. Os indivíduos retratados nos capítulos 2 a 10 representam um conjunto diverso de brancos e negros, homens e mulheres, religiosos e pagãos, literários e não-literários. Nenhum deles está perto da perfeição. Porém, praticaram um modo de vida menos comum. Estavam profundamente cientes das suas próprias fraquezas. Travaram um combate interior contra os seus pecados, de que resultou algum respeito próprio. Quando pensamos neles, não é sobretudo pelo que atingiram que os recordamos (por mais grandiosos que possam ter sido) — é pelo que foram. Espero que os seus exemplos incendeiem esta ânsia assustadora que todos temos de sermos melhores, de lhes seguirmos as pisadas.

No capítulo final concluirei estes temas. Vou descrever o modo como a nossa cultura dificultou o sermos bons, e resumir a abordagem da «madeira

retorcida» à vida através de um conjunto de pontos específicos. Se estiver impaciente pela mensagem condensada deste livro, salte para o fim.

Por vezes, mesmo atualmente, deparamo-nos com pessoas que parecem ser donas de uma coesão interna impressionante. Não levam vidas fragmentadas, divididas. Alcançaram uma integração interior. São calmas, estáveis e enraizadas. Não são desviadas do seu caminho por tempestades. Não sucumbem às adversidades. Têm cabeças consistentes e corações fiáveis. As suas virtudes não são as virtudes que vemos despontar nos alunos universitários inteligentes; são as virtudes amadurecidas que vemos nas pessoas que já viveram bastante e aprenderam com a alegria e a dor.

Por vezes nem reparamos nessas pessoas porque, apesar de parecem bondosas e alegres, também são algo reservadas. Possuem as virtudes discretas das pessoas que têm propensão para serem úteis, mas que não precisam de provar nada ao mundo: humildade, contenção, reticência, moderação, respeito, e uma autodisciplina recatada.

Irradiam uma espécie de alegria moral. Respondem suavemente quando são questionadas com aspereza. Mantêm o silêncio quando são atacadas injustamente. Conservam-se dignas quando as tentam humilhar, contidas quando as tentam provocar. Mas levam os seus esforços a bom porto. Executam atos de sacrifício com o mesmo espírito modesto habitual que demonstrariam se estivessem apenas a fazer compras na mercearia. Não estão a pensar na obra impressionante que estão a fazer. Não pensam sequer em si mesmas. Parecem apenas encantadas pelas pessoas imperfeitas que as rodeiam. Limitam-se a reconhecer o que precisa de ser feito e a deitar mãos à obra.

Fazem com que nos sintamos mais engraçados e mais inteligentes quando falamos com elas. Movimentam-se através de diferentes classes sociais, aparentemente sem sequer se aperceberem. Depois de as conhecermos há algum tempo, ocorre-nos que nunca as vimos gabarem-se, nem a serem presunçosas ou assertivas. Não fazem pequenas referências veladas à sua singularidade e ao que alcançaram.

Não viveram numa tranquilidade isenta de conflitos, mas lutaram para atingir a maturidade. Avançaram em certa medida no sentido de resolverem o problema essencial da vida, ou seja, segundo Aleksandr Solzhenitsyn: «a linha que separa o bem do mal não atravessa estados, nem classes, nem partidos políticos — mas sim cada coração humano».

São estas as pessoas que edificaram um caráter interior forte, que atingiram uma certa profundidade. Nessas pessoas, no final desse conflito, a ascensão até ao sucesso foi substituída pela luta pelo aprofundamento da alma. Depois de uma vida inteira à procura de equilíbrio, Adão I submete-se a Adão II. São estas as pessoas que procuramos.

O CAMINHO PARA O CARÁTER



capítulo 1



A MUDANÇA

Aos domingos de manhã, a minha estação de rádio local recupera programas antigos. Há poucos dias ia no carro, a caminho de casa, quando ouvi uma rubrica chamada *Command Performance*, que era um programa de variedades destinado aos militares durante a Segunda Guerra Mundial. O episódio que ouvi tinha sido emitido no dia a seguir à vitória dos americanos sobre o Japão, a 15 de agosto de 1945.

O programa contava com algumas das maiores celebridades da época: Frank Sinatra, Marlene Dietrich, Cary Grant, Bette Davis, e muitas outras. Contudo, a característica mais impressionante do programa era o seu tom de comedimento e humildade. Os Aliados tinham acabado de alcançar uma das mais nobres vitórias militares da história humana. Porém, não havia manifestações de orgulho. Ninguém estava a embandeirar em arco.

«Bem, parece que é desta — iniciou o locutor, Bing Crosby. — O que podemos dizer num momento como este? Não podemos lançar foguetes. Isso é para os feriados normais. Acho que tudo o podemos fazer é agradecer a Deus por ter acabado.» Seguiu-se a meio-soprano Risë Stevens, que cantou uma versão solene de *Ave-Maria*, e depois Crosby voltou para resumir o estado de espírito: «Hoje, porém, o nosso sentimento mais profundo é de humildade.»

Esse sentimento foi repetido ao longo de toda a emissão. O ator Burgess Meredith leu um trecho escrito por Ernie Pyle, o correspondente de guerra. Pyle fora morto apenas alguns meses antes, mas tinha escrito um artigo que antecipava o significado da vitória: «Ganhámos esta guerra porque os nossos homens são corajosos e devido a muitos outros aspetos — por causa da Rússia, da Inglaterra e da China, e pelo decorrer do tempo e a dádiva dos materiais da natureza. Não vencemos por o destino nos ter criado melhores do que os outros. Espero que na vitória estejamos mais gratos do que orgulhosos.»

O programa espelhava a reação de todo o país. Certamente ocorreram festejos arrebatados. Os marinheiros em São Francisco ocuparam elétricos e saquearam lojas de bebidas. As ruas da zona da moda de Nova Iorque foram inundadas até quase um palmo com *confetti*.¹ No entanto, o estado de espírito não era unânime. A alegria deu lugar à solenidade e à insegurança.

Esta situação deveu-se em parte ao facto de a guerra ter sido um acontecimento tão marcante, e de ter feito correr tantos rios de sangue, que os indivíduos se sentiam ínfimos em comparação. Depois havia também o modo como a guerra no Pacífico terminara — com a bomba atômica. As pessoas de todo o mundo tinham acabado de ver a selvajaria de que os seres humanos são capazes. Agora havia uma arma que poderia tornar essa selvajaria apocalíptica. «O conhecimento da vitória estava tão carregado de mágoa e dúvida como de alegria e gratidão», escreveu James Agee num editorial dessa semana para a revista *Time*.

No entanto, o tom modesto do *Command Performance* não se devia apenas a um estado de espírito ou a um estilo. As pessoas desse programa tinham feito parte de uma das vitórias mais históricas de sempre. Porém, não andavam a proclamar a sua grandiosidade. Não mandaram imprimir autocolantes a comemorar o facto de serem fantásticas. O seu primeiro instinto foi o de se lembrarem de que não eram moralmente superiores a ninguém. O seu impulso coletivo foi terem o cuidado de não cair no orgulho e na autoglorificação. Resistiram intuitivamente à tendência humana natural de abusarem na autoestima.

Cheguei a casa antes de o programa de rádio terminar e fiquei a ouvi-lo no estacionamento da minha casa durante algum tempo. Depois entrei e fui ver um jogo de futebol americano na televisão. Um *quarterback* fez um passe curto para um avançado, que foi derrubado quase de imediato por um adversário. O defesa fez o que todos os atletas profissionais fazem hoje em dia em momentos de realização pessoal: fez uma dança emproada de vitória, enquanto a câmara o focava.

Apercebi-me de que tinha acabado de ver mais festejos a uma façanha pessoal por causa de um mero feito desportivo do que ouvi depois de os Estados Unidos vencerem a Segunda Guerra Mundial.

Este pequeno contraste desencadeou uma sequência de pensamentos na minha cabeça. Ocorreu-me que esta mudança poderia simbolizar uma mudança na cultura, uma mudança de uma cultura de humildade que diz «ninguém é melhor do que eu, mas eu não sou melhor do que ninguém» para uma cultura de autopromoção que declara «reconheçam os meus feitos, eu sou muito especial». Esse contraste, apesar de não ser nada de especial, foi como uma revelação das diferentes formas como se pode viver neste mundo.

O Pequeno Eu



Nos anos que se seguiram ao episódio do *Command Performance*, dediquei-me ao estudo dessa época e das pessoas de destaque de então. A investigação começou por me recordar que ninguém deveria desejar regressar à cultura de meados do século xx. Era uma cultura mais racista, sexista e antissemita. A maioria das pessoas não teria as oportunidades de que dispomos atualmente. Era também uma cultura mais aborrecida, com comida sensaborona e condições de vida demasiado homogêneas. Era uma cultura extremamente fria. Os pais, em específico, eram incapazes de manifestar o seu amor pelos filhos. Os maridos eram incapazes de ver a profundidade das próprias mulheres. Em muitos aspetos, a vida é melhor agora do que nessa época.

No entanto, ocorreu-me que talvez existisse uma corrente de humildade mais comum do que hoje em dia, que haveria uma ecologia moral (uma tradição secular, menos visível no presente). As pessoas eram encorajadas a olhar os seus desejos com maior ceticismo, estavam mais cientes das suas fraquezas, mais determinadas a combater os defeitos na sua natureza e a tornar a sua fraqueza em força. Os seguidores desta tradição, pensei eu, são menos propensos a pensar que cada pensamento, sentimento e sucesso pessoal deveria ser partilhado de imediato com o mundo inteiro.

A cultura popular parecia mais reservada na era do *Command Performance*. Na época, não existiam *T-shirts* com dizeres, nem pontos de exclamação nos teclados das máquinas de escrever, nem lacinhos a manifestar apoio a doenças, nem matrículas personalizadas, nem autocolantes nos para-choques com declarações pessoais ou morais. As pessoas não se gabavam das universidades a que pertenciam nem dos locais onde passavam férias através de pequenos autocolantes colados nos vidros traseiros dos carros. Não era de bom-tom (como se diria na altura) fazer alarde dos próprios sucessos, ser-se pretensioso, dar-se a ares de que era muito importante.

O código social estava patente no estilo discreto de atores como Gregory Peck ou Gary Cooper, ou na personagem Joe Friday em *Dragnet*. Quando Harry Hopkins, um adjunto de Franklin Roosevelt, perdeu um filho na Segunda Guerra Mundial, as altas patentes militares queriam colocar os seus outros filhos em locais onde não estivessem em risco. Hopkins recusou, tendo escrito (com a discrição mais comum na época) que os seus restantes filhos não deveriam ser destacados para locais seguros por o irmão «ter tido azar no Pacífico».²

Dos vinte e três homens e mulheres que serviram no governo de Dwight Eisenhower, apenas um, o secretário de Estado para a Agricultura, publicou

posteriormente um livro de memórias, e era tão discreto ao ponto de se tornar soporífero. Quando Reagan abandonou o poder, doze dos seus trinta membros do governo publicaram memórias, quase todos com o intuito de se autopromoverem.³

Quando George Bush pai, que cresceu nessa época, se candidatou à presidência, tendo assimilado os valores da sua infância, resistia a falar de si mesmo. Se um autor incluía a palavra «eu» nos seus discursos, ele riscava-a instintivamente. O seu pessoal de campanha suplicava-lhe: «O senhor está a candidatar-se à presidência. Tem de falar de si mesmo.» E lá acabavam por o convencer. Porém, no dia seguinte Bush recebia um telefonema da mãe: «George, andas a falar de ti mesmo outra vez.» E Bush voltava ao estilo anterior. Não havia mais nenhum «eu» nos discursos. Acabava-se a autopromoção.

O Grande Eu



Ao longo de alguns anos, recolhi dados que sugeriam a ocorrência de uma mudança alargada de uma cultura de humildade para uma cultura daquilo a que podemos chamar o Grande Eu, de uma cultura que encorajava as pessoas a pensar de si mesmas com modéstia para uma cultura que estimula as pessoas a considerarem-se o centro do universo.

Não foi difícil encontrar esses dados. Por exemplo, entre 1948 e 1954, os psicólogos perguntaram a mais de dez mil adolescentes se se consideravam pessoas muito importantes. Na altura, 12% disseram que sim. A mesma questão foi colocada em 1989, mas desta feita não foram 12% a considerar-se muito importantes — foram 80% dos rapazes e 77% das raparigas.

Os psicólogos têm aquilo a que chamam um «teste de narcisismo». Leem frases às pessoas e perguntam-lhes se essas frases se aplicam ao seu caso. Afirmações como: «Gosto de ser o centro das atenções»; «Gosto de me exhibir quando posso, porque sou extraordinário»; «Alguém devia escrever uma biografia sobre mim». O índice médio de narcisismo subiu 30% nas últimas duas décadas. Entre os jovens, 93% têm uma pontuação superior à média de há apenas vinte anos.⁴ Os aumentos mais significativos surgem nas pessoas que concordam com as afirmações: «Sou uma pessoa extraordinária»; e «Gosto de olhar para o meu corpo».

A par deste aparente acréscimo de autoestima, ocorreu um aumento enorme no desejo de fama. A fama costumava ser pouco escolhida como ambição de vida para a maioria. Num inquérito de 1976, pediram às pessoas para enumerarem os seus objetivos de vida. A fama surgiu em décimo quinto lugar de dezasseis. Em 2007, 51% dos jovens referiram que serem famosos

era um dos seus principais objetivos.⁵ Num estudo, perguntaram a raparigas pré-adolescentes com quem gostariam mais de jantar. Jennifer Lopez surgiu em primeiro lugar, Jesus Cristo em segundo e Paris Hilton em terceiro. Em seguida, perguntaram às jovens que emprego gostariam de ter. Houve quase o dobro de inquiridas a dizerem que gostariam de ser assistentes pessoais de uma celebridade (de Justin Bieber, por exemplo) do que reitoras de Harvard (para ser sincero, devo dizer que certamente o reitor de Harvard também preferia ser assistente pessoal de Justin Bieber).

Quando analisei a cultura popular, encontrei as mesmas mensagens um pouco por todo o lado: tu és especial; confia em ti mesmo; mantém-te fiel a ti mesmo. Os filmes da Pixar e da Disney dizem constantemente às crianças que são maravilhosas. Os discursos de graduação estão cheios dos mesmos lugares-comuns: sigam a vossa paixão; não aceitem limites; criem o vosso próprio caminho; vocês têm a responsabilidade de fazer coisas maravilhosas, porque são maravilhosos. É este o evangelho da autoconfiança.

Como Ellen DeGeneres referiu num discurso de graduação em 2009: «O meu conselho é: se se mantiverem fiéis a vocês mesmos, tudo correrá bem.» Mario Batali aconselhou os recém-licenciados a seguirem «a vossa própria verdade, manifestada coerentemente por vocês mesmos». Anna Quindlen instou outro público a ter a coragem de «honrar o vosso carácter, o vosso intelecto, as vossas propensões e, sim, a vossa alma, ao ouvirem a sua voz límpida, em vez de seguirem as mensagens turvas de um mundo acanhado».

No seu livro campeão de vendas *Comer, Orar, Amar* (sou o único homem que leu a obra até ao fim), Elizabeth Gilbert escreveu que Deus se manifesta através «da minha própria voz interior. (...) Deus vive em ti, na tua forma, exatamente como és».⁶

Comecei a analisar o modo como criamos os nossos filhos e encontrei sinais desta mudança de paradigma moral. Por exemplo, os primeiros manuais de escutismo feminino transmitiam uma ética de sacrifício e de humildade. O principal obstáculo à felicidade, defendia o manual, resultava de um desejo exagerado de querermos que as pessoas pensassem em nós.

Em 1980, como salientou James Davison Hunter, o tom era muito diferente. O manual *You Make the Difference: The Handbook for Cadette and Senior Girl Scouts* aconselhava as raparigas a prestarem *mais* atenção a si mesmas: «Como podes estabelecer uma relação mais íntima *contigo mesma*? O que estás a sentir? (...) Todas as opções de que dispões no Escutismo Sénior poderão, de algum modo, ajudar-te a compreender-te melhor a ti mesma. (...) Coloca-te no centro dos teus pensamentos para obteres uma perspetiva das tuas próprias formas de sentir, pensar e agir.»⁷

Esta mudança pode até sentir-se nas palavras que nos chegam dos púlpitos. Joel Osteen, atualmente um dos mais famosos líderes de uma megaigreja,

está sediado em Houston, Texas. «Deus não te criou para seres mediano», refere Osteen na sua obra *Become a Better You*. «Foste feito para a excelência. Foste feito para deixar uma marca nesta geração. (...) Começa a acreditar “Eu fui escolhido, eleito, destinado a viver em triunfo”».⁸

O Caminho da Humildade



À medida que os anos foram passando e o trabalho neste livro continuou, os meus pensamentos regressaram ao episódio do *Command Performance*. Não conseguia deixar de pensar na humildade que ouvira naquelas vozes.

Havia algo de esteticamente belo na modéstia demonstrada pelos participantes no programa. Uma pessoa modesta é reconfortante e graciosa, enquanto uma pessoa convencida é frágil e irritante. A humildade deixa-nos livres da necessidade de provarmos constantemente que somos superiores, enquanto o egoísmo é uma fome insaciável num espaço exíguo — é egocêntrico, competitivo e cria uma sede de distinção. A humildade está cheia de emoções agradáveis, como a admiração, o companheirismo e a gratidão. «A gratidão», referiu o arcebispo de Cantuária, «é um terreno onde o orgulho não medra com facilidade».⁹

Existe até algo de impressionante do ponto de vista intelectual nesse tipo de humildade. Temos, como escreve o psicólogo Daniel Kahneman, uma «capacidade quase ilimitada de ignorar a nossa ignorância».¹⁰ A humildade é a consciência de que existe muito que não sabemos, e de que muito do que consideramos saber é deturpado ou incorreto.

É assim que a humildade conduz à sabedoria. Montaigne escreveu: «Embora possamos aprender com os conhecimentos dos outros, só podemos tornar-nos sábios com a nossa própria sabedoria.» Tudo porque a sabedoria não é um conjunto de dados. É uma qualidade moral que implica termos noção do que não sabemos e encontrarmos uma forma de lidar com a nossa ignorância, incertezas e limitações.

As pessoas que consideramos sábias superaram, em certa medida, os preconceitos e as tendências para o excesso de confiança que fazem parte da nossa natureza. No seu significado mais completo, a humildade intelectual é a capacidade de nos vermos à distância. É passarmos da visão de grande plano que temos de nós mesmos na adolescência, em que ocupamos todo o ecrã, para uma visão panorâmica em que vemos, numa perspetiva mais ampla, os nossos pontos fortes e fracos, as nossas ligações e dependências, e o papel que desempenhamos numa história mais vasta.

Por fim, existe algo de impressionante na humildade do ponto de vista moral. Cada época tem os seus métodos preferidos de aperfeiçoamento individual, as suas próprias formas de criar caráter e profundidade. Os participantes naquela emissão do *Command Performance* estavam a evitar algumas das suas tendências menos apelativas, como a soberba, a jactância e o orgulho.

Atualmente, muitas pessoas veem a vida através da metáfora da viagem — uma viagem pelo mundo exterior em que vamos subindo pela escada do sucesso. Quando pensamos em marcar a diferença ou viver a vida com um fito, pensamos muitas vezes em alcançar algo de externo — em fazer um trabalho que tenha um impacto no mundo, em criar uma empresa de sucesso, ou em fazer algo pela comunidade.

As pessoas verdadeiramente humildes também recorrem à metáfora da viagem para descrever as suas vidas. No entanto, a par dela, utilizam uma metáfora diferente, que tem mais a ver com a vida interna. É a metáfora do conflito interior. São pessoas mais propensas a admitir que todos estamos profundamente divididos, que possuímos dotes extraordinários e falhas profundas — que cada um de nós tem alguns talentos, mas também algumas fraquezas. Além disso, se cedermos frequentemente a essas tentações e não combatermos as nossas fraquezas, então iremos corromper gradualmente uma parte central do nosso ser. Não seremos tão bons internamente como gostaríamos de ser. Iremos fracassar de um modo profundo.

Para pessoas assim, o drama exterior da subida pela escada do sucesso é importante, mas o conflito interior contra as próprias fraquezas é o drama central da vida. Como referiu o famoso sacerdote Harry Emerson Fosdick na sua obra de 1943, *On Being a Real Person*: «O princípio de uma vida válida é, por conseguinte, o nosso confronto interno.»¹¹

As pessoas verdadeiramente humildes estão empenhadas num grande esforço para engrandecer o que há de melhor nelas e derrotar o pior, para se tornarem fortes nos pontos mais fracos. Principiam com uma consciência precisa dos defeitos na sua própria natureza. O nosso problema básico é sermos egocêntricos, um flagelo descrito maravilhosamente no famoso discurso de graduação que David Foster Wallace proferiu em Kenyon College no ano de 2005:

«Tudo na minha experiência imediata apoia a minha convicção profunda de que sou o centro absoluto do universo; a pessoa mais real, mais brilhante e importante que existe. Raramente pensamos neste tipo de egocentrismo natural e básico porque é repugnante socialmente. Porém, sucede mais ou menos com todos nós. É a nossa configuração por defeito, foi-nos programado nos circuitos à nascença. Pensem no seguinte: nunca tiveram nenhuma vivência em que não estivessem no centro dos acontecimentos. O mundo tal

como o vivenciam está ali à VOSSA frente, ou atrás de VOCÊS, à VOSSA direita ou esquerda, na VOSSA televisão ou no VOSSO ecrã. Em todos os casos. Os pensamentos e sentimentos dos outros têm de vos ser comunicados de alguma forma, mas os vossos são muito imediatos, prementes, reais.»

Este egocentrismo conduz-nos em várias direções infelizes. Leva ao egoísmo, ao desejo de utilizarmos os outros como um meio para atingir os nossos fins. Conduz igualmente ao orgulho, ao desejo de nos vermos como superiores a todas as pessoas. Fomenta a capacidade de ignorarmos e racionalizarmos as nossas imperfeições e de inflacionarmos as nossas virtudes. À medida que avança pela vida, a maioria de nós compara-se constantemente com os outros e acha-se ligeiramente melhor do que eles — mais virtuosa, com mais senso comum, com melhor gosto. Procuramos o reconhecimento com frequência e temos uma sensibilidade dolorosa a qualquer desconsideração ou insulto ao estatuto que acreditamos ter conquistado.

Uma perversão da nossa natureza leva-nos a colocar amores menos importantes acima dos mais elevados. Todos adoramos e desejamos múltiplos elementos: amizade, família, popularidade, um país, dinheiro, etc. E todos temos a noção de que alguns amores são superiores ou mais importantes do que outros. Suspeito que todos classificamos esses amores mais ou menos da mesma forma. Todos sabemos que o amor que sentimos pelos nossos filhos ou pais se deve sobrepor ao amor que temos pelo dinheiro. Todos sabemos que o amor que temos pela verdade se deve sobrepor ao da popularidade. Mesmo nesta era de relativismo e pluralismo, a hierarquia moral do coração é algo que praticamente todos partilhamos, pelo menos na maioria das situações.

Contudo, é frequente perturbarmos a ordem dos nossos amores. Se alguém partilha um segredo connosco e depois o revelamos num jantar por ser um bom tópico de tagarelice, então estamos a colocar o nosso amor pela popularidade acima do nosso amor pela amizade. Se falamos mais do que ouvimos numa reunião, podemos estar a posicionar a nossa ânsia de brilhar acima da aprendizagem e da camaradagem. São atitudes que temos muito frequentemente.

As pessoas que são humildes a respeito da sua própria natureza são realistas morais. Os realistas morais estão cientes de que fomos todos feitos de «madeira retorcida» — como diz a célebre frase de Immanuel Kant: «de uma madeira tão retorcida como aquela de que a humanidade é feita, nunca resultou nada de direito». As pessoas desta escola da humanidade como «madeira retorcida» possuem uma noção precisa das suas próprias falhas e acreditam que o caráter se edifica no combate contra as suas fraquezas. Nas palavras de Thomas Merton: «As almas são como atletas que precisam de

adversários à altura para serem testados, esforçados e motivados a dar o máximo das suas capacidades.»¹²

Podemos ver provas desse conflito interior nos diários dessas pessoas. Ficam radiantes nos dias em que conquistam uma pequena vitória contra o egoísmo e a insensibilidade. Ficam tristes nos dias em que se desiludem a si mesmos, quando evitam trabalho caritativo por estarem cansados ou com preguiça, ou quando não recebem uma pessoa que queria desabafar. São pessoas mais propensas a ver a vida como uma história de aventura moral. Como referiu o autor britânico Henry Fairlie: «Se reconhecemos que a predisposição para o pecado faz parte da nossa natureza, e que nunca a erradicaremos totalmente, pelo menos teremos algo para fazer na vida que no final não parecerá fútil e absurdo.»

Tenho um amigo que todas as noites na cama dedica alguns instantes a rever os erros do seu dia. O seu principal pecado, de que resultam muitas das suas outras faltas, é alguma insensibilidade. É uma pessoa ocupada e tem muitas pessoas a exigir que lhes dedique algum tempo. Por vezes não está totalmente presente para as pessoas que lhe pedem conselhos ou revelam alguma vulnerabilidade. Por vezes está mais interessado em causar uma boa impressão do que em ouvir atentamente os outros. Talvez tenha passado mais tempo numa reunião a pensar em como poderia dar nas vistas do que a ouvir o que outros diziam. Talvez tenha bajulado exageradamente certas pessoas.

Todas as noites cataloga os seus erros. Enumera as principais falhas recorrentes e outras que delas poderão ter decorrido. Depois desenvolve estratégias para agir melhor no dia seguinte. No dia seguinte tentará parecer diferente aos olhos das outras pessoas, dedicar mais tempo a cada uma. Colocará a atenção acima do prestígio, o mais importante acima do acessório. Todos temos uma responsabilidade moral de sermos mais morais a cada dia, e ele debate-se para avançar um pouco cada dia nesta vertente tão relevante.

As pessoas que vivem desta forma acreditam que o caráter não é inato ou automático. Temos de o construir com esforço e mestria. Não podemos ser a boa pessoa que pretendemos se não travarmos esse combate. Se não edificarmos um interior moral sólido, não alcançaremos sequer um sucesso externo duradouro. Sem uma integridade interior, o nosso *Watergate*, o nosso escândalo, a nossa traição, acabará por acontecer. Em última análise, Adão I depende de Adão II.

Ora, utilizei acima as palavras «conflito» e «combate». Porém, seria errado pensar que o combate moral contra as fraquezas interiores é um combate no sentido da guerra ou de um combate de boxe, cheio de embates de armas, violência e agressões. Os realistas morais por vezes alcançam feitos difíceis, como manterem-se firmes contra o mal ou imporem uma autodisciplina intensa aos seus desejos. No entanto, o caráter não se edifica apenas através da

austeridade e das dificuldades. Constrói-se também agradavelmente através do amor e do prazer. Quando mantemos amizades profundas com pessoas boas, copiamos o seu comportamento e assimilamos algumas das suas melhores características. Quando amamos profundamente uma pessoa, queremos servi-la e conquistar a sua consideração. Quando contactamos com arte maravilhosa, alargamos o nosso repertório de emoções. Através da devoção a uma causa, elevamos os nossos desejos e organizamos as nossas energias.

Além disso, o combate contra as nossas fraquezas nunca é um conflito solitário. Ninguém atinge este domínio interior sozinho. A vontade individual, a razão, a compaixão e o caráter não são fortes ao ponto de derrotarem consistentemente o egoísmo, o orgulho, a ganância e a ilusão. Todos precisamos de um apoio redentor externo — família, amigos, antepassados, normas, tradições, instituições, exemplos, e, no caso dos crentes, de Deus. Todos necessitamos que nos digam quando estamos errados, que nos deem conselhos sobre como seguir o caminho certo, e que nos encorajem, apoiem, motivem, ajudem e inspirem.

Existe algo de democrático na vida quando encarada desta forma. Não interessa se trabalhamos em Wall Street ou numa instituição de caridade a distribuir medicamentos aos pobres. Não interessa se estamos no topo ou no fundo da escala salarial. Há heróis e tolos em todos os ambientes. O mais importante é se estamos dispostos a travar um combate moral interior. O mais importante é se estamos dispostos a travá-lo bem — com alegria e compaixão. Fairlie escreve: «Se reconhecermos que pecamos, pelo menos saberemos que estamos em guerra individualmente, poderemos ir para a guerra como vão os soldados, com alguma coragem e entusiasmo, e até exultação.»¹³ Adão I alcança o sucesso ao conquistar vitórias contra os outros. Adão II, porém, edifica caráter ao conquistar vitórias contra as suas próprias fraquezas.

A Curva em U



As pessoas referidas nesta obra tiveram vidas diferentes. Cada uma delas exemplifica uma das atividades que conduzem ao caráter. No entanto, existe um padrão recorrente: tiveram de cair para ascender. Tiveram de descer ao vale da humildade para se elevar às alturas do caráter.

O caminho para o caráter muitas vezes envolve momentos de crise moral, confronto e recuperação. Quando passavam por um momento difícil, adquiriram subitamente uma maior capacidade de ver a sua própria natureza. As fantasias e as ilusões de que dominavam o seu ser foram aniquiladas. Tiveram de se humilhar na autoconsciência para terem alguma esperança de

se reerguerem transformados. Alice teve de se tornar pequena para entrar no País das Maravilhas. Ou, como Kierkegaard referiu: «Apenas quem descer ao inferno poderá salvar aqueles que ama.»

Foi então que surgiu a beleza. No vale da humildade, aprenderam a sossegar o ego. Só apaziguando o ego é que conseguiram ver o mundo com clareza. Só apaziguando o ego é que conseguiram entender os outros e aceitar o que lhes ofereciam.

No processo de apaziguamento, tinham libertado espaço para a benevolência. Foram ajudados por pessoas que não esperavam, entendidos e acarinados pelos outros de formas que nunca haviam imaginado. Foram amados de modos que não esperavam. Não precisavam de agitar os braços para se manterem à tona, pois eram sustentados por mãos alheias.

Não tarda muito para que as pessoas que entraram no vale da humildade comecem a tatear caminho acima até às alturas da alegria e da entrega. Atiram-se ao trabalho, fazem novos amigos e cultivam novas paixões. Apercebem-se, com algum choque, que percorreram um longo caminho desde os primeiros dias do seu momento difícil. Olham para trás e veem como é extenso o terreno que deixaram para trás. Essas pessoas não acabam curadas; acabam diferentes. Encontraram um talento ou uma vocação. Comprometem-se a uma longa obediência e dedicam-se a uma aventura que dá sentido à vida.

Cada fase dessa experiência deixou um vestígio na alma da pessoa. A experiência moldou-lhe o cerne interior e concedeu-lhe maior coerência, solidez e peso. As pessoas com caráter podem ser barulhentas ou silenciosas, mas tendem sempre a manter um determinado nível de respeito próprio. O respeito próprio não é o mesmo que autoconfiança ou autoestima. O respeito próprio não se baseia no QI ou em qualquer dote mental ou físico que ajude a entrar numa universidade concorrida. Não é comparável. Não se conquista sendo melhor do que os outros em alguma atividade. Adquire-se sendo melhor do que se era anteriormente, fiável em momentos difíceis, íntegro em momentos de tentação. Surge nas pessoas que são moralmente fiáveis. O respeito próprio resulta de triunfos interiores, não de exteriores. Só pode ser conquistado por alguém que sofreu tentações internas, que confrontou as suas fraquezas e sabe: «Bem, se o pior chegar, serei capaz de o suportar. De o superar.»

O tipo de processo que acabei de descrever pode acontecer em grande escala. Todas as pessoas passam por momentos extremamente difíceis, por provações que as alteram, que constituem um teste à sua resistência. No entanto, esse processo pode igualmente suceder em situações corriqueiras, graduais. Todos os dias é possível reconhecer pequenas falhas, estender a mão aos outros, tentar corrigir os erros. O caráter constrói-se tanto pelo drama como pelo quotidiano.

O que estava patente no programa *Command Performance* era mais do que mera estética ou um estilo. Quanto mais estudava esse período, mais me apercebia de que contemplava um país diferente do ponto de vista moral. Comecei a ver uma concepção diferente da natureza humana, uma atitude diferente a respeito do que realmente importa na vida, uma fórmula diferente para viver com caráter e profundidade. Não sei quantas pessoas seguiam na época esta ecologia moral distinta, mas algumas seguiam, e descobri que as admirava profundamente.

A minha convicção geral é que abandonámos acidentalmente essa tradição moral. Ao longo das últimas décadas, perdemos essa linguagem, esse modo de organizar a vida. Não somos maus. Mas falta-nos articulação moral. Não somos mais egoístas ou venais do que as pessoas de outras épocas, mas perdemos a noção de como se edifica caráter. A tradição moral da «madeira retorcida» (baseada na consciência do pecado e do confronto do pecado) era uma herança que passava entre gerações. Concedia um sentido claro de como cultivar as virtudes de elogio fúnebre, como desenvolver o lado de Adão II da nossa natureza. Sem essa herança, a cultura moderna adquiriu uma determinada superficialidade, sobretudo na esfera moral.

A falácia central da vida moderna é a convicção de que ser-se bem-sucedido na vertente de Adão I pode gerar uma satisfação profunda. Isso é falso. Os desejos de Adão I são infinitos e adiantam-se sempre ao que acabou de alcançar. Só Adão II pode sentir uma satisfação profunda. Adão I procura a felicidade, mas Adão II sabe que a felicidade é insuficiente. As alegrias supremas são morais. Nas páginas seguintes, tentarei apresentar alguns exemplos reais de como se viveu este tipo de vida. Não podemos e não devemos aspirar a regressar ao passado. Contudo, podemos redescobrir essa tradição moral, reaprender esse vocabulário do caráter e incorporá-lo na nossa própria vida.

Não é possível criar um Adão II a partir de um livro de receitas. Não existe nenhum programa de sete passos. Porém, podemos aprofundar o nosso conhecimento da vida das pessoas notáveis e tentar entender a sabedoria de como viveram. Espero que sejam capazes de apreender algumas lições importantes para o vosso caso nas páginas que se seguem, mesmo que não sejam as mesmas que me parecem relevantes. Espero que o leitor e eu terminemos os nove capítulos seguintes ligeiramente diferentes, e ligeiramente melhores.